



MEMÓRIA E IDENTIDADE NA OBRA *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ* DE PAULINA CHIZIANE

Autor (1); Orientadora (2)
Márcia Cassiana Rodrigues da Silva
Dr. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega

Universidade Federal de Campina Grande
cassianamarcia@yahoo.com.br
mariamartanobrega@bol.com.br

Resumo: O livro *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, traz para o cenário literário temas como o sofrimento causado pelo colonialismo no solo moçambicano, a vida profundamente alterada pela presença do colonizador e as consequências visíveis desse contato. Muito mais do que um romance, a partir do ponto de vista das personagens femininas, *O alegre canto da perdiz* busca problematizar como lembranças constroem a memória histórica, sociocultural e literária do povo moçambicano que é marcada por situações de discriminação étnico-racial, de gênero, de relações de poder, embate entre culturas, poligamia entre outras. A escritora moçambicana utiliza-se no romance de elementos da cultura tradicional, como, contos e mitos que são formadores de valores éticos e comportamentais. Ao trazer essa oralidade para o texto Chiziane sugere uma reflexão sobre a história e cultura dos países africanos por meio da literatura. Nesse sentido nos propomos a investigar: 1) Como a memória se constitui um elemento estético para construção da percepção de identidade no romance *O alegre canto da perdiz* (2008) de Paulina Chiziane?. Este questionamento nos ajudou a responder o objetivo geral da nossa pesquisa que consiste em investigar a construção da memória na obra *O alegre canto da perdiz* (2008) de Paulina Chiziane e o objetivo específico que busca analisar a relação memória-identidade no romance de Chiziane. O presente estudo se faz relevante para situar a importância da memória na construção da identidade do povo moçambicano. Para a concretização dessa pesquisa foram realizadas a leitura e estudo de textos que abordam a presença da memória em textos literários. Para tanto, esta pesquisa baseou-se nos estudos de Bauman (2005), Pollak (1992), Halbwachs (2006), Nora (1993), Bhabha (1998), Padilha (2007) entre outros. No romance estudado pudemos comprovar que a oralidade, através da memorização, repassa o saber e a tradição que existe em Moçambique. Percebe-se que preservar esta memória coletiva tem sido nitidamente uma preocupação da literatura do país, uma vez que ela tenta reconstruir suas origens.

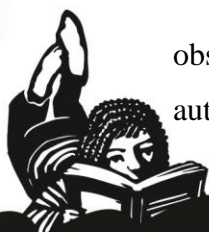
Palavras-chave: Memória; Identidade; Romance.

1. ATANDO OS FIOS

A literatura é, sem dúvida, um espaço de invenção privilegiado que favorece ao leitor observar as diversas possibilidades de utilização da língua. Ao escrever uma obra literária o autor mobiliza estruturas linguísticas, utiliza palavras de modo imprevisível e cria em seus

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

textos novos usos e sentidos inesperados. Para Brait “o fazer literário e o fazer poético aparecem como construção em que a língua, escrita ou oral, é mobilizada e explorada para expressar e justificar a existência humana” (BRAIT, 2012, p. 42).

A literatura de um povo faz parte de seu patrimônio imaterial, logo é constante alvo de disputa entre os grupos, uma vez que agrega valores culturais, identitários e de poder. Determinar quais aspectos serão representados nesse patrimônio, é decidir o modo como será reconstruído o passado de uma nação, a memória de qual grupo(s) se está representado.

Nas literaturas africanas de língua portuguesa, considerando que o continente foi marcado pelo processo de colonização que se caracterizou pela indigenização do colono e a aculturação do colonizado, “a relação com o corpo linguístico começa a manifestar-se pelas diferentes falas com que os escritores africanos se assenhoraram da língua” (LEITE, 2012, p. 138). A literatura do período colonial representava o colonizador como sendo um desbravador de terras e civilizador de gentes, ao branco era dado o papel de protagonista, enquanto que o negro aparecia como um ser inferior. Só ocorre mudança nessa situação a partir do início da independência. (FERREIRA, 1985)

Um dos países que sofreu com o sistema opressor do período colonial foi Moçambique. Porém, com a sua independência, em 1975, verifica-se na atividade literária uma renovação, os textos literários pós-coloniais produzidos na literatura moçambicana buscam (re)significar e incorporar elementos das tradições antigas, apresentam críticas a uma sociedade contaminada pela corrupção e problemas resultantes do sistema colonial, além de sugerirem a esperança por dias melhores de um povo silenciado que foi representado como ignorante, como selvagem em oposição aos considerados civilizados, os detentores do poder.

As características supracitadas dos textos moçambicanos sempre encontram espaço nas narrativas de Paulina Chiziane, uma escritora moçambicana que desconstrói e reconstrói identidades até então carentes de qualquer publicação de suas expressões culturais. Por meio da literatura, a autora volta ao passado para revisitar eventos da história de Moçambique. Trata de questões centrais que dizem respeito à situação do sujeito colonizado, focalizando a condição da mulher moçambicana nesse contexto marcado por submissão, opressão e conformismo diante das imposições sociais. É o que podemos observar na história de Maria das Dores presente no romance *O alegre canto da perdiz* (2008), que é vendida aos 13 anos por sua mãe a um feiticeiro e passa a sofrer anos de violências físicas e psicológicas nas mãos desse senhor.

A escrita de Paulina Chiziane está profundamente enraizada na realidade social, política e histórica de Moçambique. Em suas narrativas é recorrente o uso da memória das personagens.

(83) 3322.3222

daspersonagens.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

como veículo de revitalização identitária. Portanto é através de relatos memorialistas que a moçambicana recorre à literatura para mostrar que esta é uma das maneiras de se construir e estabelecer a memória, e também de (re)elaborá-la criticamente. Conseqüentemente temos um conceito de memória que é associado à construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado.

A memória como representação do passado é o foco deste trabalho. Nesse sentido nos propomos a investigar: 1) Como a memória se constitui um elemento estético para construção da percepção de identidade no romance *O alegre canto da perdiz* (2008) de Paulina Chiziane?. Este questionamento nos ajudou a responder o objetivo geral da nossa pesquisa que consiste em investigar a construção da memória na obra *O alegre canto da perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, e o objetivo específico que busca analisar a relação memória-identidade no romance em foco.

O alegre canto da perdiz (2008) é um romance que focaliza temas da e na sociedade Moçambique, como por exemplo, assimilação, discriminação ético-racial e de gênero, relações de poder, embate entre culturas, poligamia. A autora utiliza-se das personagens Delfina, Serafina, Maria das Dores, entre outros, que figuram emblemas de mulheres marcadas e dominadas por uma sociedade patriarcal que lhes reduz a um silenciamento cultural para problematizar as implicações dessa condição na percepção de identidade do indivíduo e da nação. Ao longo da narrativa as ações de Delfina e Maria das Dores (mãe e filha) apontam para construção de um discurso feminino que denuncia as condições que as mulheres moçambicanas foram submetidas, durante a colonização. No romance é possível acompanharmos uma releitura da origem dos povos, da história do continente africano, em particular de Moçambique e da Zâmbia.

Pretende-se perceber em *O alegre canto da perdiz* (2008) muito mais do que um romance, mas uma expressão de como suas lembranças constroem a memória histórica sociocultural e literária de um povo. Ao escrever fatos e momentos importantes do passado vividos no contexto de Moçambique, Paulina Chiziane, (re)inventa e (re)atualiza a memória não só de seu país, mas, também, a africana, já que, “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSI, 1994, p. 53). Lembrar, a partir dessa perspectiva, significa tornar visível o passado e misturar dados imediatos com lembranças. A memória possibilita, portanto, a relação do presente com o passado.





2. PAULINA CHIZIANE: UMA VOZ FEMININA NA LITERATURA MOÇAMBICANA

A escritora moçambicana, Paulina Chiziane, nasceu em 04 de junho de 1955, em Manjacacaze, na província de Gaza, uma região em que o sistema patriarcal era muito forte. Aos sete anos, mudou-se com a família para os subúrbios da antiga capital colonial, a cidade de Lourenço Marques, atual Maputo. Filha de uma família protestante em que se falavam as línguas *chope* e *ronga*, aprendeu a língua portuguesa apenas quando ingressou na escola de uma missão Católica. Anos depois, iniciou os seus estudos em linguística na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, mas nunca chegou a concluí-los.

Chiziane ocupa, no acervo literário moçambicano, a posição de escritora engajada e produz uma literatura de resistência que tem se mostrado sensível à situação social e cultural feminina enquanto representante do sujeito colonial, objetificado pelo colonizador. A moçambicana faz uma crítica à posição social da mulher na sua sociedade. Para isso, leva em conta o número pequeno de mulheres que ocupam cargos relevantes no país, o número reduzido de escolarização feminina e a grande quantidade de situações em que as mulheres se encontram em uma posição humilhante e submissa em relação ao homem. Sobre a condição da mulher africana, Chabal (1994) afirma que:

Em Moçambique, como em qualquer outra parte da África, a condição da mulher, a sua situação, o tipo de oportunidade que tem na sociedade, o estatuto que tem dentro da família, na sociedade, é algo que de facto merece ser visto. Porque as leis da tradição são muito pesadas para uma mulher. (CHABAL, 1994, p. 298)

Portanto, as mulheres africanas ocupavam na sociedade uma posição de inferioridade, e não tinham cargos de destaque. Em entrevista concedida na 1ª Bienal do Livro e da Literatura, realizada em Brasília-DF, em abril de 2012, Paulina Chiziane afirmou que no continente africano, antes da colonização, a arte e a literatura eram femininas. Às mulheres eram atribuídas a função de narrar e transmitir conhecimentos, no entanto, com a colonização e a implantação do sistema educacional do império, os “homens passaram a aprender a escrever e contar histórias” (CHIZIANE, 2012), ao passo que às mulheres foram atribuídas as tarefas de cuidar do lar sem questionar o poder patriarcal, por isso o número inferior de mulheres escritoras.





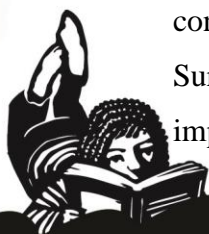
VII ENLIJE

Paulina Chiziane iniciou sua atividade literária em 1984 com a publicação de contos na imprensa moçambicana. Em 1990, lança a obra *Balada de amor ao vento*, que é considerada seu livro de estreia e, também, o primeiro romance de autoria feminina publicado em Moçambique.

Nas obras subsequentes da moçambicana, uma ótica narrativa feminina que representa dialeticamente os movimentos sociais e históricos do país, assim como a experiência da mulher dentro da sociedade em Moçambique permanece. Isso acontece em: *Ventos do Apocalipse*, de 1993, obra que reflete as tensões entre colonizador e colonizado a partir do modo como os refugiados da guerra e da fome narram a devastação provocada pelas guerras nas aldeias, famílias e clãs moçambicanos, problematizando a função social dos indivíduos no contexto comunitário de uma sociedade em permanente mudança. Nesse contexto, a tradição local é questionada, por ocultar e silenciar a mulher em prol da manutenção do poder e da ordem patriarcal; *O Sétimo Juramento*, romance publicado em 2000, insere a mulher num espaço urbano repleto de oportunidades para superar ou permanecer na sua condição de subalternidade, tendo, para isso, a inserção de vivências dolorosas de aspectos culturais da ancestralidade; e *Niketche, uma história de poligamia*, obra publicada em 2002, a autora destaca a prática do lobolo e da poligamia, temas recorrentes em suas obras. Em 2008, a escritora publica o romance *O Alegre canto da Perdiz*. Nessa obra ela faz uma reflexão sobre a identidade cultural e étnica de Moçambique, trazendo mais uma vez o debate sobre a mestiçagem, tendo como centro a condição feminina. No mesmo ano, a autora moçambicana Paulina Chiziane publica a obra *As Andorinhas*, sua primeira e única coletânea de contos, até o presente.

Paulina Chiziane desconstrói e reconstrói, em suas obras, identidades até então carentes de qualquer publicação de suas expressões culturais. Por meio da literatura, a autora volta ao passado para revisitar eventos da história de Moçambique. Trata de questões centrais como sexo, determinados rituais tradicionais, a violência da guerra, a situação do sujeito colonizado, especialmente, como já abordamos, aspectos diferenciados da condição da mulher moçambicana nesse contexto: submissão, opressão e o conformismo diante das imposições sociais.

A escritora Paulina Chiziane, por meio da ficção, torna-se a voz das mulheres moçambicanas, já que as suas narrativas, no espaço simbólico da representação literária, constitui-se uma prática real de emancipação, de crítica ao poder cultural estabelecido. Surgindo de um meio tradicionalmente dominado pelos homens, a sua criação literária se impôs, pela perspectiva feminina, conseguindo o feito de apreender as contradições do





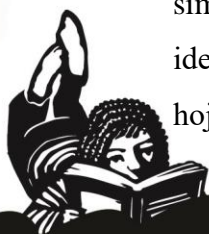
processo social e político do seu país, ao problematizar o lugar da mulher moçambicana no choque entre tradição rural e a modernidade masculina.

3. IDENTIDADE E MEMÓRIA NO ROMANCE *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*

É constante a busca do ser humano por uma identidade que o determine enquanto sujeito único perante outros e que ao mesmo tempo o faça perceber-se inserido em um grupo de semelhantes. De acordo com Bauman (2005) a identidade é uma construção histórica e social relacionada ao papel que o indivíduo exerce em determinada cultura, período e contexto. Por conseguinte, é enganosa a noção indentitária como sendo interior do ser e, portanto, invariável, inegociável e fixa. Pollak (1992, p.205) afirma que a construção identitária “é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”. Assim, para os dois teóricos, as categorias de flexibilidade e liquidez são essenciais para se entender o processo identitário, uma vez que as identidades (individual e/ou coletiva) são constantemente reformuladas em função das informações e concessões sociais que se encontram em constante reformulações.

Partindo dessa ideia, toda interferência externa é uma possível ameaça à identidade, constata-se a frequente tentativa de excluir os outros do convívio, mas também o anseio em deixá-los por perto, uma vez que são indispensáveis para construção da identidade do sujeito. Podemos encontrar essa ambiguidade no discurso colonial, que segundo Bhabha (1998, p. 106), é marcado por “aquela ‘alteridade’ que é ao mesmo tempo um objeto de desejo e escárnio, uma articulação da diferença contida dentro da fantasia da origem e da identidade”. Paulina Chiziane denuncia em suas obras essa característica. A escritora aponta que como o colonizador não pode erradicar totalmente a identidade do colonizado ele trata de manipulá-la de modo que possa atender aos interesses coloniais de domínio e poder sobre o povo conquistado.

No sistema colonial, o colonizado deve apagar sua identidade tradicional e se apoderar de uma nova que é determinada pelo colonizador e assumi-la como sua, por isso acontece o apagamento da memória desse sujeito, uma vez que a memória e a identidade se constroem simultaneamente. A memória realiza um trabalho muito importante na confirmação da identidade “cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. (LE GOFF, 2003, p. 419).





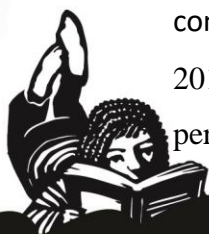
VII ENLIJE

João Carlos Tedesco, em *Nas Cercanias da memória* (2004), enfatiza que a lembrança recoloca a esperança na capacidade de restaurar alguma coisa que possuía antes, um tempo que se esqueceu. Desse modo, a memória é a recuperação de um conhecimento ou sensação existente anteriormente.

As lembranças, ancoradas na memória, fazem-se presença constante na obra *O alegre canto da prediz* que se inicia com a frase “um grito colectivo. Um refrão” (CHIZIANE, 2008, p. 4), uma possível referência aos protestos das mulheres embevecidas perante a nudez de Maria das Dores nas margens do rio Licungo e o que essa exibição poderia gerar na reputação social da imagem de seus maridos. Indignadas as mulheres procuram em sua volta pedras para arremessar na louca do rio, no entanto são impedidas pela senhora do régulo que, com objetivo de amenizar a situação, explica o significado da exposição de Maria das Dores sem vestes, contando “histórias de vida que soltam-se dos arquivos da memória com *files* de um computador” (CHIZIANE, 2008, p. 12). Através das histórias relatadas, as mulheres aos poucos vão percebendo que a mulher sem memória do rio traz impregnado em seu corpo a memória de um povo que devido ao desaparecimento das sociedades tradicionais causado pelo período de colonização havia sido perdida por todas elas.

Portanto, a memória evocada por Maria das Dores não é apenas individual, mas pertencente a todo um grupo de mulheres, logo temos uma memória coletiva. A função coletiva que tem a memória é investigada pelo sociólogo Maurice Halbwachs, para quem a lembrança, embora se constitua uma manifestação íntima, é evocada por um grupo. Para o autor a memória individual não é completamente isolada e fechada e portanto auxilia o conhecimento da memória coletiva, uma vez que “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade” (HALBWACHS, 2006, p. 72), portanto é imprescindível no ato de rememoração a ajuda dos outros.

Pollak (1992), em seu texto “Memória e identidades social”, elenca alguns elementos que contribuem para construção da memória, seja ela individual ou coletiva. Em primeiro lugar estão os acontecimentos vividos pessoalmente e em segundo, os acontecimentos chamados por ele de “vividos por tabela, ou seja, os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa acredita pertencer. São os acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201). Para ele, além dos acontecimentos, a memória também é constituída por pessoas, personagens e lugares. O autor enfatiza que os personagens que aguçam a memória podem





VII ENLIJE

ser aqueles que realmente encontramos ao longo da vida, assim como também os que conhecemos por tabela, através de situações vivenciadas por terceiro ou ainda os personagens que não pertenceram ao espaço-tempo da pessoa. Com relação aos lugares Pollak (1992, p. 202) apresenta que “existem lugares de memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter o apoio no tempo cronológico”. Halbwachs (2006), por sua vez, defende que no processo de rememoração os indivíduos não precisam necessariamente ter vividos os fatos para lembrarem. No romance podemos constatar acontecimentos que contribuem para uma reflexão desse tipo de rememoração:

A louca do rio olha para a igreja no alto da serra que lhe abre os caminhos da memória. Parece que já tive aqui? Mas quando? Em que circunstâncias? Nesta igreja eu entrei, eu rezei, em algum momento da minha infância. Que lugar é este?

Olha para a paisagem com mais atenção. A cordilheira. A cabeça do monte alto coberto com o chapéu de nuvem. Uma nascente um rio, a crescer para o desconhecido. Já escalei aquele monte. Que buscava eu?

De repente se lembra do José, seu pai falando da vida nos montes. E recorda que partiu para a grande viagem tendo percorrido todo o perímetro da terra e regressando ao ponto de partida. Tudo começou na manhã em que saiu de casa com três pequenos no colo. Há muitos anos. E parece que tudo aconteceu ontem, como se o pesadelo de vinte e cinco anos de peregrinação não passasse do pesadelo de vinte e cinco anos. (CHIZIANE, 2008, p. 16-17)

O pensamento coletivo viaja para longe para lá onde não se pode voltar nunca mais. Para o tempo das lutas sangrentas, tempo de sofrimento com bandos de gente correndo para cá e para lá. Matando-se. Odiando-se de dia, na hora do combate. Amando-se de noite, na pausa de fogo e deixando marcas da passagem. O ódio gerando amor na morte do sol. Cada uma recorda o seu próprio percurso. As perdas do caminho. Percursos alegres, tristes desesperados, espinhosos. E começam a pensar na louca do rio com brandura. (CHIZIANE, 2008, p. 15)

No primeiro fragmento Maria das Dores começa a se lembrar de suas vivências, graças ao espaço que ela observa que são a igreja no alto da serra e a cordilheira. No momento em que as memórias começam a se fazer presentes na mente de Maria, automaticamente lembra-se de José, seu pai preto, que a tratava como uma princesa. A partir dessa revisitação na memória a personagem recorda-se do momento em que fugiu de seu marido Simba com os três filhos. No caso de Maria das Dores a pessoa por ela lembrada fez parte de seu convívio familiar, uma vez que se trata de seu pai. Os espaços rememorados pela personagem são lugares que marcaram a sua vida de algum modo, a igreja, como ela mesmo lembra, já esteve lá quando criança e a cordilheira por ter sido um lugar explicado pelo seu pai, para quem





VII ENLIJE

a moça tinha grande carinho e admiração, pois o “pai negro era um homem de bravura. Usurpou a mãe dos braços de um branco numa batalha mortal. O homem branco era um homem de envergadura”. (CHIZIANE, 2008, p. 34)

No segundo trecho podemos constatar o momento em que as mulheres se encontram à beira do rio diante da lembrança feita pela mulher do régulo. As histórias contadas pela mulher do régulo às mulheres que estão em sua companhia fazem com que elas evoquem acontecimentos que se sucederam em Moçambique mesmo antes do seu nascimento, como por exemplo, a destruição do Império Monomotapa pelas tropas coloniais. As mulheres recordam esses episódios como se tivessem vivenciado essas experiências pelo fato dos mesmos estarem registrados na memória de seu grupo social.

As personagens do romance são levadas a lutar contra o esquecimento de sua própria história como maneira de resistir às injustiças causadas pela colonização portuguesa que só aprisionou o povo africano, no entanto com a ajuda de Maria das Dores e da esposa do régulo as histórias vivenciadas no período colonial são lembradas as mulheres, como podemos comprovar no trecho que faz menção ao momento de fundação:

Era uma vez... No princípio de tudo homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli. As mulheres usavam tecnologias avançadas, até tinham barcos de pescas. Dominavam os mistérios da natureza e tudo...eram tão puras, mais puras que as crianças numa creche. Eram poderosas. Dominavam o fogo e a trovoadas. Tinham já descoberto o fogo. Os homens ainda eram selvagens, comiam carne crua e alimentavam-se de raízes. Eram canibais e infelizes...E depois...Os homens invadiram o nosso mundo dizia ela, roubaram-nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de peixão, mas usurparam o poder que era nosso (CHIZIANE, 2008, p. 12).

A esposa do régulo representa a guardiã da história coletiva, figura comum nas sociedades sem escrita que contribuía para manutenção da memória do grupo. Além do mais nas sociedades antigas, o mais velho tinha o papel de detentor da sabedoria, eram os intermediários da sabedoria popular. No livro *Memória e Sociedade*, publicado em 1987, Eclea Bosi afirma que a velhice faz com que os indivíduos se tornem a memória de sua família, grupo, sociedade, já que os mais novos não se ocupam com as lembranças, deles se esperam a produção.

A esposa do régulo, pela função desempenhada na história, nos remete ao papel exercido pelas mulheres antes da chegada do europeu, o de contar história. Sobre as funções desenvolvidas pelas mulheres antes da colonização Paulina Chiziane, em entrevista concedida

(83) 3322-3228
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

na 1ª Bienal do Livro e da Literatura em Brasília, em abril de 2012, profere as seguintes palavras: “antes do colonialismo, a arte e a literatura eram femininas. Cabia às mulheres contar as histórias e, assim socializar as crianças”. Com a colonização “os homens passaram a aprender a escrever e a contar as histórias” (CHIZIANE, 2012). Sobre o período colonial Padilha (2007, p. 472) afirma que a colonização impõe “modelos e jogos de hegemonia e poder nas sociedades com as quais passa a interagir pela dominação buscando civiliza-las, para arrancá-las do seu estado de barbárie”.

A partir do trecho apresentado acima é possível observar que o romance de Chiziane, em si, constitui um lugar de memória já que guarda um passado conhecido e encena ambientes de memória ao fazer referência ao ritual tradicional da cultura moçambicana de contar histórias. O lugar da memória é definido por Pierre Nora (1990) como sendo a história que apesar do tempo e dos empecilhos vivenciados possui restos de memória. Com relação aos lugares de memória, Nora (1993) apresenta algumas categorias de classificação: existem “... os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações”. (NORA *apud* LE GOF, 1993, p. 473). Com isso, é possível reconhecer que o romance de Paulina Chiziane configura-se como um “lugar topográfico” de memória, já que registra situações vividas pelo povo moçambicano em determinada época da história de Moçambique.

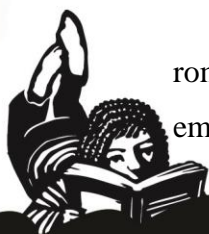
Com relação a memória vale ressaltar que um dos elementos fundamentais que confirmam o seu caráter social é a linguagem. É através da linguagem, notadamente marcada pela oralidade, que as interações sociais reveladoras das identidades se constituem, confirmando portanto, a ambientação de memória oferecido no romance. A autora faz uso de uma linguagem que possui uma organização textual coloquial como forma de registrar o que era reservado por uma memória coletiva sistematizada pela ordem da oralidade. No romance a narradora e as personagens se inserem no contexto cultural da sua ficção para reavivar, por meio da língua portuguesa, as formas tradicionais apagadas pelos colonizadores e esquecidas pelos homens que sofreram a colonização, o que se configura como uma estratégia de manutenção de uma cultura nativa, uma tentativa de legitimar a identidade cultural em processo.

Na tentativa de recuperar uma pouco da identidade africana, Chiziane traz para o seu romance a figura do feiticeiro que é representada por Simba. O curandeirismo era praticada em Moçambique antes da colonização e passou a ser “proibido” no continente.

(83) 3322.3222

enlije@enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

colonizadores chegaram implantando o Cristianismo, uma imposição cultural externa para suplantiar a tradição local. No romance, problematiza essa postura autoritária, como se pode ser em: “- Que será de mim se as autoridades descobrirem esta trama? - Serei imediatamente morto ou deportado. As curandeirices são proibidas neste regime. Para esses brancos, a magia é coisa do diabo” (CHIZIANE, 2008, p. 161).

No período pós-colonial, em que se insere a obra de Paulina Chiziane, a preocupação com a memória coletiva constitui-se um procedimento estético na busca por uma legitimação da identidade cultural de Moçambique, visto que a ressignificação de práticas da tradição possibilita enxergar o pluralismo cultural do país. A obra recupera a memória do grupo à medida que representa no romance os fatos ocorridos na colonização de Moçambique, sobretudo, ao denunciar os abusos, discriminação, assassinatos e destruição causados pelo sistema, mas tem como interesse fazer isso a partir do ponto de vista do colonizado, como podemos comprovar nos textos em que faz menção a condição das mulheres negras no período da colonização:

- O que é o amor para a mulher negra, Delfina. Diz-me: o que é o amor na nossa terra onde as mulheres se casam por encomenda e na adolescência? Diz-me o que é o amor para as mulheres violadas a caminho da fonte por um soldado, um marinheiro, ou um condenado? As histórias de paixão são para quem pode sonhar. A mulher negra não brinca com bonecas, mas com bebê de verdade, a partir dos dozes anos. A conversa de virgindade e paixão são para as mulheres brancas e não para as negras. (CHIZIANE, 2008, p. 73)

Nesse trecho é perceptível o torturante sentimento de inferioridade, a condição subalterna entranhada no corpo e na alma das mulheres moçambicanas, além de estabelecer uma comparação entre as condições vivenciadas pelas mulheres pretas e as brancas. Paulinha também utiliza seu romance para recordar e tecer uma crítica a muitos chefes tribais e membros das sociedades tradicionais pelas suas conivências com o sistema colonialista, uma vez que a colonização só foi possível graças à ajuda e cumplicidade do dominado, como é o caso do personagem José dos Montes que incorpora a representação dos nativos recrutados pelo sistema para combater as tentativas de revoltas por partes dos membros da sociedade que preserva a tradição local.

4. ÚLTIMAS PALAVRAS





VII ENLIJE

Refletindo acerca da obra de Paulina Chiziane percebemos que a memória, a tradição, o relembrar, o esquecer, os heróis e os corruptos compõem a emblemática e questionadora ambientação moçambicana representada na narrativa. Se notarmos os cenários, veremos que a valorização dos espaços rurais e das personagens idosas, representando seus conhecimentos aos mais novos, contribui, significativamente, para ampliar a compreensão da força da memória na composição do ideal de identidade. Associado a isso, a oralidade, uma das manifestações da memorização, repassa o saber e a tradição que existe em Moçambique. Percebe-se que preservar esta memória coletiva tem sido nitidamente uma preocupação da literatura do país, uma vez que ele tenta reconstruir suas origens. Sendo assim, a literatura torna-se importante suporte, pois através dela é possível que os leitores tenham conhecimentos das práticas mais remotas, anteriores à colonização portuguesa.

O passado de Moçambique retratado por Paulina Chiziane é de um país desolado pela miséria, que é profundamente marcado pela guerra e dela ainda se tem muitas “feridas”. Um país que sonhou com um futuro diferente e que foi traído por sua própria gente, ficando sobre os desmandos do colonizador. Em contrapartida, a autora insere a mulher como um agente imprescindível para a percepção da identidade social, cultural e econômico da sociedade, uma vez que é a voz feminina quem contribuem para a contestação das imposições de valores impostos pelo sistema patriarcal herdado do colonialismo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1987. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=bE1EMuh_Tn8>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- BHABHA, H. A questão do “outro”: diferenças, discriminação e o discurso do colonialismo. In.: HOLANDA, H.B.de, **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Portugal: Editorial caminho, 2008.
- FERREIRA, M. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: Unicamp, 1990. p. 423- 483.
- LEITE, Ana Mafalda. Romance de Costume, Histórias Morais. In.: MIRANDA, Maria Geralda de e SECCO, Carmen Lucia Tindó (Orgs). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Annris, 2013. p.25-41





VII ENLIJE

_____. **Oralidade e escritas pós-coloniais:** estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

MIRANDA, Maria Geralda de e SECCO, Carmen Lucia Tindó (Orgs). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique.** Curitiba: Annris, 2013.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares, In: **Projeto História.** São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07- 28, dezembro de 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-214.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 3-15.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo.** Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo.** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIEFEL, 2010.

